## ADVERTENCIA DA EMPREZA.

A distribuição começa hoje quinta feira ás 8 horas da manhã. Aos Srs., que o mais tardar quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no Escriptorio da REVISTA, Rua dos Fanqueiros N.º 82½, para se providenciar.

# CONHECIMENTOS UTEIS.

O portuguez, ás direitas, que do Rio de Janeiro nos honra com a seguinte carta, e cujo nome não publicamos, reune ao mais acrisolado amor da patria grandes conhecimentos nos assumptos, de que escreve, e um discernimento atiladissimo. Não nos toca a nós analysar e qualificar cada um dos alvitres, que elle de lá sugére aos seus conterrâneos. Submettemol-os todos ao exame e sentença dos interessados, que são, em taes casos, os unicos juizes competentes.

**AVISOS MEMORAVEIS AOS LAVRADORES, FABRICANTES, NEGOCIANTES E A TODOS QUANTOS DIRECTA OU INDIRECTAMENTE GOVERNAM OU PÓDEM INFLUIR NO REINO DE PORTUGAL.**

*(Carta)*

2094 Vendo o ardente zêlo, e o affinco, com que V. tracta das coisas portuguezas e dos interesses materiaes, e moraes d'esse paiz, a que tenho a honra de pertencer; os constantes esforços que V. e os illustres collaboradores de tão distincto e util periodico, fazem por melhorar o triste estado a que elle se acha reduzido, no que respeita á educação moral e religiosa, ao commercio, ás artes e á agricultura; e o benevolo acolhimento e consideração, que V. se digna dar ás reflexões que, sobre aquelles tão meritorios objectos, qualquer individuo lhe queira dirigir. E não podendo eu, a duas mil legoas de distancia, pobre de bens da fortuna; e até de conhecimentos e de estudos, prestar ao meu paiz outros serviços, que não sejam os de indicar, em proveito de meus concidadãos, aquillo que a prática e a experiencia pódem ter ensinado a um simples guarda-livros, no espaço de 14 annos de residencia em diversos logares d'este extenso imperio; aproveito algumas das horas, que me sobram de minhas occupações, para n'estas mal traçadas linhas, transmittir a V. as observações, que tenho feito durante aquelle espaço de tempo, e as idéas de que me acho possuido sobre as vantagens e desvantagens de alguns artigos de producção do meu paiz, que n'este teem tido e pódem ter consumo, e indicar os meios, que julgo melhores, ou mais proprios, para dar maior e mais proveitosa saída a esses artigos.

VINHOS.

Nascido e educado na cidade do Porto, vivendo sempre entre o commercio, alli fui caixeiro cêrca de seis annos de uma das cazas de primeira ordem, que negociava em vinhos, sedas, linhos em rama, tecidos, etc. Durante este tempo observei, que alguns traficantes compravam vinhos dos mais ordinarios, que vinham do Doiro a vender n'aquella cidade, e por meio de ligeira manipulação com ruim aguardente, baga de loireiro, e outros ingredientes prejudiciaes ao vinho e á saude, pertendiam metamorphosear vinhos fracos em fortes; ordinarios em superiores; uns palhetes, outros carregados em côr, conforme a moda ou a lembrança de cada um; e assim confeiçoados os embarcavam para aqui; onde tambem sofriam novas misturas e processos; e assim preparados eram vendidos a par, ou em logar de outros melhores, dos quaes em côr e forçado paladar, pouca, ou nenhuma differença faziam; mas passado tempo, conhecia-se o engano pelo effeito ruinoso, que causavam á saude dos que o bebiam. D'esta fórma fizeram taes especuladores, de lá e de cá, com que os consumidores se abstivessem e fugissem do vinho do Porto, a ponto de que por muitos annos esteve execrado n'este paiz, como nocivo. Começaram então a ter mais extracção, que até alli, os vinhos da Figueira, e de Lisboa, que tambem estiveram quasi a ser supplantados pelos catalães e por outros vinhos de Hispanha, que os imitavam; e o seriam se os lavradores d'essa, ou os manipuladores os não melhorassem, a ponto dos especuladores de vinhos catalães se verem tambem na necessidade de melhorarem os seus, e aqui os mercadores de trasfegarem alguns para os cascos de Lisboa da marca *PRR*, a fim de os reputarem melhor, em prejuiso e descredito dos nossos. Ultimamente teem tido os vinhos do Porto alguma extracção, porque alguem se lembrou de os mandar perfeitos, sem misturas de ingredientes, e confeiçoados como devem ser. Os vinhos do Porto, que aqui se consomem mais, e pódem consumir-se em grande escala, tenho observado que são — 1.º o de ramo de 2.ª qualidade, ou tabernal, encorpado, tal como sae do tonel, misturando-lhe apenas a porção d'aguardente precisa para o conservar até aqui, e que julgo 4 a 5 canadas por pipa serem mui sufficientes; — devendo vir em barrís de 4.º 5.º e 7.º, e pouco em pipas. — 2.º o de ramo 1.ª, ou bom, geralmente chamado de meza, encorpado, bem confeiçoado pelo methodo da companhia e em os mesmos barrís de 4.º 5.º e 7.º de pipa. — 3.º o de feitoría, bastardo, e do duque pelo dicto methodo da companhia; engarrafado em caixões de duzia, ou em barrís para aqui se engarrafar, o que será melhor: porque os direitos do engarrafado são excessivos, podendo vender-se facilmente o 1.º a 16$000 rs., e o 2.º e 3.º de 20$000 a 24$000 rs. a duzia como já se tem vendido. Os vinhos de ramo pela fórma que levo dicta pódem obter — o 1.º de 150$000 a 160$000 rs. — e o 2.º de 190$000 a 200$000 rs. por pipa, direitos e frete pagos, na razão, ou em relação, do estado actual do meio circulante n'este paiz. Vinhos de Lisboa e Figueira bons teem aqui bastante extracção, por isso os devem aperfeiçoar o mais que fôr possivel. O verde de Basto é n'esta mui estimado, e o mais encorpado, alli considerado melhor, rivalisa com o de Bordeus, que aqui se vende em garrafas de 4$800 a 6$000 rs, a duzia; por cuja razão o devem mandar não só em pipas e barrís, como em garrafas em caixões de duzia, que muito interesse pódem n'elle tirar. Este vinho precisa, para chegar cá perfeito, misturar-se-lhe de quatro a cinco canadas de boa aguardente em cada pipa. Direi tambem

o que intendo se deverá observar nas remessas, a respeito das porções de cada uma das qualidades de vinho do Porto — a saber — em cada 100 pipas se pódem comprender 50 de ramo 2.ª qualidade ou tabernal — 36 dicto 1.ª ou de meza — 4 de feitoria — 2 de bastardo — 2 do duque — e 6 verde de Basto 1.ª e 2.ª qualidade. Tendo fallado dos vinhos tinctos, pouco, ou nada tenho para dizer dos brancos; porque pouco se consome, mui principalmente do Porto; e talvez não chegue a 3 por cento do tincto.

Se a companhia do Porto, e outra de Lisboa, publica ou particular, aqui estabelecessem depositos, onde se vendesse o vinho aos mercadores, e aos particulares ás pipas e barris, dariam assim grande impulso ao consumo dos vinhos portuguezes, afastariam do mercado grande porção dos hispanhoes e francezes; e os particulares teriam a certeza de beberem vinho ahi confeiçoado, e não nas cangicas d'esta terra, em as quaes se desnatura completamente.

FERRAGENS.

A nossa fatal estrella, ou antes a incuria, e a ignorancia dos nossos governos, e tambem o maldicto systema dos nossos legisladores, de prestarem toda a sua attenção ás formulas politicas com que se teem embalado uns, e desorientado as cabeças da maioria de nossos concidadãos, por estes não estarem preparados, ou habilitados, pela maior parte, para se regerem, e serem regidos por formulas diametralmente oppostas ao systema pelo qual foram governados por mais de dois seculos; quando deveriam cuidar primeiramente dos interesses materiaes e moraes do paiz; em instruir os povos e educal-os; promovendo a instrucção, e pondo ao alcance das diversas classes da sociedade—artistas—lavradores—commerciantes etc., os progressos que as outras nações nas artes, na agricultura, e nas mais sciencias tinham feito, foi a causa primordial de que as nossas ferragens, tão procuradas e accreditadas n'esta parte do mundo, fossem sendo substituidas pelas inglezas, e pelas allemãs, consumindo-se hoje n'este paiz apenas alguns pregos e machados nossos! As tão afamadas ferragens de Guimarães estão hoje para um canto; porque os nossos artifices, em um paiz falto de espirito de associação, e em que o governo lhes não facilitava, ou proporcionava os meios de adquirirem os conhecimentos precisos para caminharem a par dos progressos que diariamente se faziam nas artes mechanicas, sentiram arrancar-se-lhes das mãos o sceptro, sem que conhecessem a causa.

Ainda hoje, se á solidez de nossas ferragens, addicionassem alguma polidez e brilho, tomando por modelo as estranhas, poderiam consumir-se aqui muitas mais fechaduras, thesoiras, pregos, machados, fechos pedrezes, enchadas, cravos, martélos etc. etc. As espingardas lasarinas, aqui tão estimadas, se lhes reformassem as coronhas e os fechos, e lhes polissem os canos ao gosto moderno, ainda haviam de ter preferencia sobre as inglezas.

SEDAS.

No nosso paiz creio que não se manufacturam já sarjas, setins, tafetás, nobrezas, veludos, cadarços, lenços e outros artefactos de seda, que ainda em 1826 exportavamos para o Brazil; porque hoje apenas vejo vir d'ahi algum pouco retroz, consumindo-se n'esta côrte os dictos artigos em grande escala. Os nossos fabricantes que não desanimem; que façam as sarjas pretas á imitação das de Malaga, tanto em tecido como em firmeza de côr, que poderão alcançar aqui de 2$000 rs. a 2$400 por covado; e se mais encorpadas forem melhor preço obterão relativamente. As fabricas de Bragança, que continuem com os seus antigos setins, tafetás, nobrezas etc. Os setins ordinarios vendem-se de 800 a 1$200 rs. o covado, e d'ahi para cima até 3$000 rs. segundo a sua qualidade; e os tafetás de 440 a 520 rs. As nobrezas não são mui procuradas; porém as poucas, que se gastam, pagam-se bem. Sedas pretas, e de côres escuras para cobrir chapéus de sol, teem aqui bastante consumo; o mesmo acontece com setins, veludos, e sedas lavradas de bonitos padrões, e fortes para coletes: que fabriquem estes artigos, e os mandem a pessoas intelligentes, que se não envergonhem de os apregoar e vender como manufacturas portuguezas, que não só os portuguezes aqui residentes, como os brasileiros, as consumirão de boa vontade. Faça-se da qualidade de portuguez uma especie de timbre de perfeição, de luxo, e de dura, que as nossas sedas terão dentro de pouco tempo a preferencia por portuguezas, como a estão tendo as francezas, e hispanholas por serem taes. O retroz do Porto, á excepção do de Vasconcellos, todo o mais que de lá vem é mui ordinario; isto é, de ruim seda, mal tingido e grosso. Val aqui este menos 4$000 rs. que aquelle; paga o mesmo frete e direitos; e a differença de preço merece a pena de o fabricar melhor, e não dava logar a preferir-se muito de Murcia, e de outras partes ao do Porto, que não é fabricado como o de Vasconcellos. D'antes caprichava-se alli muito no fabríco do retroz, o qual póde dizer-se, que era objecto privativo de Covello, Vasconcellos, Barros Lima, Pinheiros, Mattheus José de Freitas, Valle, Castro, Souto, Cunha, Fernandes Leite, Guerreiros, Ramalho, e poucos mais, dos quaes uns falleceram, e os outros, menos Vasconcellos, abandonaram este importante ramo de negocio. Hoje creio que muitos se propozeram a fabricar retroz sem terem d'elle o conhecimento, ou a pratica necessaria; por isso perdeu o credito que gosava. No tempo em que alli fui caixeiro as melhores sedas de que se fazia retroz vinham de Tras-os-Montes; ou Beira Alta, do Alemtéjo, e da Italia; e da de Hispanha sómente da mais fina e rija, é que se fabricava retroz, e quasi sempre misturada com aquellas.

PANNO DE LINHO E LINHA.

A preferencia, que em todo este imperio se dá ao panno de linho, e á linha de Portugal, é incontestavel; porém ainda o seu processo é n'essa bastante caro. Eu intendo que emquanto a fiação d'este ramo estiver entregue á róca e ao fuso das mulheres, não poderemos colher d'elle as vantagens que podiamos conseguir, se fosse fiado e torcido por meio de máchinas proprias, que com o emprêgo de uma ou pouco mais pessoas, produzissem em um dia o que fariam cem com aquelles rusticos instrumentos; assim como tecido em teares como os que os inglezes usam para tecerem os seus algodões. Logo que o processo do panno de linho e da linha for menos moroso e dispendioso, não só lucraremos mais, vendendo mais barato, mas supplantaremos os pannos de linho hamburguezes, que não são de tanta dura como os nossos; por quanto a preferencia de que acima fallo, é sómente dada

pelas pessoas mais abastadas, e as menos, consomem do hamburguez e do inglez, que é mais barato.

PRESUNTOS, CARNES ENSACADAS, CONSERVAS E PASSAS.

Os nossos presuntos, muito principalmente os de Lamego, são aqui preferidos aos de qualquer outro paiz; mas não conservam por muito tempo o estado de perfeição, em razão das humidades do sal e da atmosphéra.

Lembro-me de indicar aos que os preparam, um meio mui simples de os fazer durar mais tempo: o qual é o seguinte: — Depois de salgados, curados, e seccos, em logar de os acamar nos barrís com sal humido, mandem torrar este em um grande tacho, ou caldeira, até ficar bem secco, e depois de arrefecer, acamem-n'os com este sal em barrís de 6 até 24 presuntos, e tampem-n'os immediatamente para que o sal se não humedeça novamente com o ar.

Já lembrei esta receita a uma pessoa que os mandou vir do Porto assim arranjados, e não só chegaram perfeitissimos, mas conservaram-se por muito tempo. Ora os nossos especuladores, pela maior parte, teem assentado lá para si, que quanto maiores forem as vazilhas em que mandarem os productos d'essa, mais economizam, ou lucram: o que é êrro crasso. Os presuntos em meias pipas não encontram tantos compradores, como em barrís; não só porque d'esta fórma não são constrangidos a fazer tamanho emprêgo, senão tambem porque se evita, o corromperem-se muitos ao mesmo tempo, e se obtem mais vantajoso preço, e prompta saída. O mesmo se póde dizer das carnes ensacadas, de azeitonas, e outras conservas. As azeitonas costumam vir d'essa em ancorêtas; e os estrangeiros que as trazem em frascos, ou boiões, que não excedem a uma canada (medida do Porto) obtem muito maior preço; e qualquer particular compra para gasto de sua caza um frasco, ou boião, e nunca se anima a comprar uma ancorêta. Da mesma fórma podiamos especular nas conservas em pequenos frascos, com seus lettreiros enfeitados, as quaes por serem da nossa terra seriam preferidas, assim como o teem sido as poucas fructas seccas, e peixe de escabéxe em pequenas latas de 4 até 8 arrateis. Parece-me que os meus patricios se envergonham de especular n'estes dois ultimos artigos; porque mui poucas vezes cá teem vindo, e logo desapparecem. Do Algarve grande negocio podiam fazer em figos, e uvas passadas, se quizessem trocar os grandes barrís, pelas caixas finas, quadrilongas de 8 até 24 arrateis, e redondas de 6 até 16.

RAPÉ.

O contracto do tabaco deu em mandar para aqui por cada uma porção de bom rapé princeza, duas e tres mais ordinario. Por espaço de muito tempo vendeu-se n'esta côrte rapé de trinta castas por princeza; o que foi causa de muitas pessoas se acostumarem ao enjoativo *aréa preta*, e ao princeza da Bahia. Quando aqui constou, e o correspondente do contracto assim o tem observado, que sómente em casa d'elle se venderia o rapé princeza aos arrateis aos tabaquistas, e nunca mais em porções aos armaristas que o falsificavam; muitos dos que se tinham acostumado ao da terra começaram novamente a fazer uso do princeza; porém á vista da irregularidade na qualidade do que o contracto tem mandado: um bom, outro secco, outro queimado, etc. etc., já muitos dos tabaquistas estão tomando outra vez do *aréa preta*. Estimarei muito que os contractadores tomem em consideração isto que levo dicto; porque se mandarem constantemente bom rapé não sómente conservarão o consumo actual, mas poderão chegar a consumir-se 30 a 40 mil arrateis.

EMIGRAÇÃO.

A este respeito bastante se tem dicto pelos diversos jornaes e periodicos d'esse reino, assim como pela sua estimavel e bem redigida *Revista*; mas apezar de tudo quanto se tem dicto, ou escripto, ella continúa da mesma sorte. Todas as embarcações chegadas do Porto e dos Açôres teem trazido aos centos de desgraçados, uns a titulo de colonos, outros de passageiros, sem que as privações e as miserias que elles aqui veem padecer tenham diminuido. Até infelizes jovens do sexo feminino, ahi e nos Açôres são illudidas com vantajosos salarios em casas de familias, e com um futuro brilhante de melhores cazamentos, e apenas aqui aportam são entregues ao lascivo que mais dinheiro offerece ao immoral especulador; d'ahi a prostituição, a miseria, o hospital!!!

Homem, digo mal, monstro conheço eu «*dos trabalhos alheios feito rico*,» que vae a bordo d'essas barcas de Caronte, buscar essas infelizes; e depois de saciar seu apetite e. . . . .; malvado! manda lançar os filhos na róda dos engeitados, e aluga as infelizes mães para amas de leite a 18$000 e a 20$000 réis mensaes!!! Não tenho animo para continuar este triste quadro, e passarei a emittir a minha fraquissima opinião a respeito dos meios de neutralisar tão grave e escandaloso mal.

Portugal carece de braços, é essa uma de suas primeiras necessidades; sem elles não póde subsistir nem conservar-se; e a conservação, e bem-estar da sociedade estão primeiro que tudo; sem isto, constituição, legislação, commercio, artes, agricultura seriam coisas nominaes: logo é necessario pôr tropeços, e até impedir essa fatal emigração. Ora não se permittindo a saída para fóra de Portugal e seus dominios a portuguez algum maior de 23 annos, sem que saiba lêr, escrever, e fazer (pelo menos) as quatro primeiras operações arithmeticas, e sem que tenha prestado uns tantos annos de serviço ao seu paiz; estou bem persuadido, que chegados áquella edade, com a instrucção requerida, e depois de ter prestado o serviço exigido, ao qual todos procuram evadir-se, mui poucos desejarão largar a terra em que nasceram. A respeito dos menores de 23 annos, tambem não lhes devia ser permittida a saída para fóra do reino sem que tivessem além da instrucção acima, um officio, que tenham exercido pelo menos seis annos, e o que o não tivesse, sómente poderia sair se fosse para companhia, ou por chamamento de algum parente; mas em todo o caso deveriam tirar uma patente de instrucção e officio, pela qual pagassem a quantia de vinte mil réis, ou mais, e só á vista d'esta patente se lhe conceder o passaporte. Esta regra, pelo que respeita ao tempo do serviço, póde, e deve ter algumas excepções, como do carregador de parte da carga de um navio; do homem de negocio, que vá comprar ou vender a outros paizes; do mestre de officio cazado e com filhos que por infortunios se queira ir estabelecer em outra parte; do que fôr cobrar alguma herança, ou divida sua ou alheia; do negociante fallido, etc. etc. As ca-

maras municipaes, os curadores dos orphãos, ou qualquer outra auctoridade que se julgasse mais propria, deveriam ter alçada e inspecção sobre a instrucção e officios dos dictos menores e maiores de 23 annos. Tambem aos capitães, ou donos das embarcações se deveria impôr um tributo por cada passageiro portuguez domiciliado em Portugal ou seus dominios, que levassem para paiz estrangeiro com passaporte ou sem elle; e obrigal-os a prestar fiança idónea para satisfazer o imposto d'aquelles, que depois se verificasse tinham levado occultos. Estas providencias não impediam, mas difficultavam a saída, e obrigavam os nossos concidadãos a instruirem-se, pois estou na persuasão de que a falta de instrucção é a causa primordial de darem ouvidos ás suggestões dos especuladores, e de não terem verdadeiro amor á sua terra. Não sei se esta doctrina será muito constitucional; porém julgo que será de utilidade; e se a Constituição é feita para o bem geral da nação, parece-me, que, o que a esta fôr util, não póde prejudicar áquella; pois se por ella é livre a saída de cada um, quando, e como quizer, com tudo se exige passaporte, fiança, etc.; portanto exija-se mais alguma coisa, e uma vez que não prohiba, intendo que se póde fazer.

Emfim eu peço desculpa d'esta minha digressão em materia em que sou, já não direi leigo, porém inteiramente estranho. Já fui grande enthusiasta pela tal coisa chamada Constituição; porém as utopías com as quaes, os que se metteram a desinvolvêl-a, e applical-a ao reino, nos teem feito perder o juizo, e matar-nos uns aos outros, me fazem muitas vezes desejar antes o governo absoluto, forte, justo, e creador de um só, que o despotismo liberal de centenares de sugeitos que se encarregaram de nos dar a comer e a beber leis improprias, sem utilidade, feitas a êsmo, e vestir-nos e calçar-nos com ellas.

VINHO PORTUGUEZ PARA A CHINA.

Tinha chegado a este ponto, quando fui informado por pessoa, que residiu em Macáu alguns annos, e d'alli saíu ha coisa de 20 mezes, que os inglezes vendem aos chins o nosso superior vinho do Porto, e que o levam em caixões, ou frasqueiras pequenas mui pintadas, e as garrafas e frascos enfeitados de rótulos pomposos, rolhas cobertas, etc. etc., e que teem colhido vantagens d'este ramo de negocio.

Parece máu fado nosso, que nunca saberemos aproveitar, e menos promover a extracção e consumo de nossos productos senão depois que esses que os podiam consumir se acostumam a outros identicos, e travam relações com aquelles que procuram e aproveitam todos os meios de aniquillar-nos. Ora tendo nós uma tão excellente possessão na China, e sendo senhores dos melhores vinhos do mundo; ¡ que nunca houvesse companhia ou negociante, que se lembrasse de introduzir n'aquelle tão vasto e populoso paiz, os nossos saborosos vinhos do duque — bastardo — malvazia — madeira secco, etc. etc., principiando por pequenos caixões e frasqueiras com enfeites que seduzam e captivem, e depois, conforme augmentasse o consumo, levando os seus predilectos barris e grandes vasilhas! Os meus patricios, tenho acabado de crêr, que não querem ter trabalho nem attraír por meio da illusão, de que tanto interesse tiram os inglezes, francezes, suissos, italianos, alemães, etc. etc., com os enfeites que cobrem suas mercadorias. ¿Quem poderia colher maiores vantagens dos vinhos; nós, ou os inglezes? certamente que nós; porque elles os levam primeiro para o seu paiz, pagam fretes, direitos, etc., e depois é que o passam para essas vasilhas seductoras. Os vinhos superiores e de bello paladar, introduzindo-se pouco a pouco na China, póde muito bem acontecer, que, produzindo aos chins os mesmos sonhos encantadores, que o anfião lhes produz, sem nenhuma das terriveis consequencias d'este, com o andar do tempo elles abandonassem o opio pelo vinho, e então ¿¡ quantos milhões de consumidores ao sumo da uva! que mercado immenso! que riquezas não poderiamos obter d'este consumo?!.... Mas desde já posso asseverar, que embora muitos negociantes conheçam este vantajoso meio de dar saída ao nosso vinho, nenhum haverá que tenha o valor, ou a paciencia precisa, para esperar dois annos pelo resultado de suas especulações.

Já vae demasiado longa esta correspondencia; portanto pôr-lhe-hei aqui termo por esta occasião; e se V. se dignar fazer o sacrificio de a lêr, e n'ella achar alguma coisa, que util seja e mereça a pena de publicar-se, muito n'isso me obsequiará; e o mesmo em a desprezar se n'ella não encontrar proveito algum ao meu paiz (á qual tantos desejos tenho de ser util) ou que suas doctrinas sejam velhas e sediças, em todo o caso sempre lhe ficará agradecido

Rio-de-Janeiro 5 de junho de 1843.

*O seu Assignante Affectuoso e Constante Leitor.*

---

**PROJECTO DE UMA COMPANHIA DE MONTADOS.**

*(Veja-se o artigo 2073.)*

2095 Artigo 1.° — Formar-se-ha uma Companhia denominada — *Companhia de Montados.*

Art. 2.° — Tem esta Companhia por fim fazer reputar pelo melhor preço possivel os porcos das herdades pertencentes a seus socios.

Art. 3.° — São socios da mesma Companhia todos os proprietarios, e lavradores de montados, tanto do Alemtejo, como da Beira Baixa, e todos emfim que possuirem esta qualidade de propriedades.

Art. 4.° §. 1.° — A sua Assembléa geral é composta de duzentos socios dos que tiverem maior valor em montados, e forem accionistas.

§. 2.° — Pertence á Assembléa geral:

Primeiro — Eleger a direcção, d'entre os seus membros. — Segundo — Marcar em cada anno, até 20 de novembro, os differentes preços, pelos quaes nos differentes sitios, os porcos deverão ser vendidos para consumo, a saber, os 1.os para o mez de dezembro, isto é, um preço para os porcos, que pesam liquido, para cima de seis arrobas, deduzidos os 20 por cento; e outro, e do mesmo modo, para os que pesam menos de seis arrobas. Os 2.os preços e do mesmo modo para o mez de janeiro. Os 3.os para o mez de fevereiro, e os 4.os para governarem d'esse tempo em diante. Se estes preços forem excessivos, a direcção os poderá rejeitar até tres vezes, e a final demittir-se, se ainda os achar exorbitantes á 4.a vez. Terceiro — Tomar contas á direcção, de todo o tempo da sua gerencia. — Quarto — Examinar se esta cumpre com os seus deveres dando as providencias, que melhor intender para que elles sejam bem desempenhados a pról da companhia, isto é, do fim a que se destina.

*Da Direcção.*

Art. 5.° — Será a direcção composta de cinco directores effectivos, e cinco supplentes, os quaes respondem todos por um, e um por todos, salvo o voto em separado.

§. 1.° — A Direcção fará sempre parte da Assembléa Geral.

§. 2.° Ninguem será eleito para director, ou supplente,

sem que tenha um fundo, que se julgue pelo menos que para tal o habilita, o que a Assembléa Geral determinará.

§. 3.º—A direcção é obrigada a fazer vender os porcos pertencentes aos seus socios pelos preços marcados pela Assembléa Geral, visto que estes para esse fim teem egual obrigação de os pôr á sua disposição; é obrigada tambem a direcção a realizar o seu valor; bem como a pagar, a quem competir o importe dos seus porcos vivos.

§. 4.º—A direcção sómente é obrigada a receber os porcos que pesem cinco arrobas e d'ahi para cima, liquido dos 20 por cento, ficando com tudo ao seu arbitrio comprar aquelles que tenham menos pêso; não podendo o lavrador fazer venda d'elles a outro, sem que a direcção seja affrontada.

§. 5.º—O preço da chacina e toucinho salgado (sómente pertencente aos lavradores, que forem socios d'esta Companhia e postos estes generos em Lisboa) de boa qualidade será metade paga até ao fim de abril, e a outra metade até ao fim de maio.

§. 6.º—De todos estes valores, se deduzirão, sempre, 3 por cento, a favor da caixa da Companhia.

Art. 6.º §. 1.º—Todos os socios logo que tenham promptos para a venda os seus porcos, e em harmonia com o determinado nos §§. seguintes, são obrigados a dar parte á direcção, a fim de que esta tracte de realisar a sua venda, e mais effeitos necessarios.

§. 2.º—Depois de observado, o que fica determinado no §. antecedente, a receita dos porcos de cada lavrador, se fará sempre em duas porções eguaes, sendo uma até ao fim de dezembro, e a outra em janeiro e d'ahi em diante, na fórma do seguinte.

§. 3.º—O lavrador é obrigado a declarar ao agente da Companhia 15 dias antes da entrega de cada uma das dictas porções (de que este lhe dará titulo) qual o numero de porcos, que tem promptos para se lhe mandarem receber, até ao fim d'esse tempo, dentro do qual impreterivelmente a Companhia fica obrigada a tiral-os por sua conta, pena de responder ao lavrador, por qualquer perda que similhante falta possa occasionar.

§. 4.º—O agente da Companhia logo que tenha recebido os porcos de cada lavrador, abatidos os 20 por cento do costume, e segundo o preço marcado pela Assembléa Geral, entregará a seu dono, tres lettras, que todas junctas prefaçam a total quantia do importe dos dictos porcos, pagos aos prasos seguintes; a 1.ª a vencer a um mez, a segunda a dois mezes, e a 3.ª a tres mezes.

Art. 7.º §. 1.º—Terá esta Companhia de fundo duzentos contos de réis, metade serão emittidos logo, e a outra metade quando a sua Assembléa Geral assim o julgue conveniente.

§. 2.º—Este fundo será dividido em acções de 50$000 réis, cada uma pagos a partes eguaes de 5$000 réis, e a prasos nunca menores de 30 dias.

§. 3.º—Aos socios lavradores, serão admittidos em pagamento d'estas acções, os porcos de suas herdades, bem como a chacina e toucinho salgado, tudo na fórma aqui determinado.

§. 4.º—Os tres por cento, mencionados no §. 6.º do Art. 5.º, que reverterão a favor da caixa, serão applicados para as despezas da Companhia, e o que d'elles remanescer, será applicado para o dividendo das acções.

§. 5.º—Quando o fundo necessario, se não tenha podido realisar entre os socios mencionados no artigo 3.º, n'esse caso poderão ser admittidas para socios accionistas, quaesquer pessoas que não sejam lavradores nem proprietarios de montados, sem com tudo poderem ter gerencia, no que respeita ao administrativo da Companhia.

Art. 8.º §. 1.º—A Companhia até metade do seu fundo realisado, poderá fazer emprestimos aos lavradores seus socios, mas sómente para o necessario n'este ramo agricola; e isto até á terça parte do valor dos porcos, do mesmo lavrador, sendo este emprestimo feito com todas as seguranças necessarias.

§. 2.º—O lavrador pagará á Companhia até satisfazer o seu débito meio por cento ao mez.

§. 3.º—O pagamento d'este dinheiro será impreterivelmente feito pelo lavrador, deduzindo-se da primeira metade do producto dos generos, com que em seguimento entrar na Companhia; se porém á direcção convier, será este pagamento feito em partes eguaes nas differentes entregas do dinheiro dos seus porcos, que a direcção tiver a fazer-lhe.

§. 4.º—Em todo o tempo da venda geral, dos generos de que se tracta; os emprestimos não terão logar.

Art. 9.º—Servindo de baze esta Companhia, se poderá formar um banco rural, ou caixa de recurso, onde o lavrador sendo socio, deverá sempre encontrar por emprestimo, todos os meios, que em geral lhe forem necessarios para as suas precisões agricolas.

Art. 10.º—Se se julgar desde já possivel, serão as lãs, e a cortiça egualmente protegidas por esta Companhia.

Art. 11.º—Será a sua duração por dez annos, findos os quaes a Assembléa Geral decidirá, se ella deve ou não continuar.

Art. 12.º—A Companhia se julgará estabelecida, e como tal começará a funccionar, logo que tenha inscripto um numero de socios, que pelo menos possua dois terços dos montados; e que tenha accionistas para tres quartas partes do seu fundo total.

*Ayres de Sá Nogueira.*

## ESTRADAS NO ALGARVE.

*(Communicado.)*

2096 Não podemos deixar de ser gratos ao governo pelo muito que deseja o bem: com tudo seus bons desejos e diligencias a respeito de estradas, não bastam para que ellas sáiam como devem. Porque o governo não conhece miudamente todos os sitios, e as pessoas, que d'elles lhe teem dado informações, talvez que tambem não tenham a esse respeito as idéas as mais exactas.

A lei das estradas, que se publicou, é muito boa, mas na applicação carece de modificações que me parece caberem na alçada do governo.

Não falto ao respeito devido a quem governa. Uso porém de uma faculdade constitucional apontando humildemente o que se me antolha de interesse geral. O que vou dizer é só relativo á minha terra do Algarve; e não requer grandes trabalhos, despezas nem demoras; antes se poderá executar para logo sem murmurações e muito a contento d'estes povos.

As estradas velhas não são ruins por velhas, mas sim por defeituosas. Nos sitios onde são tortuosas, veem-se os visinhos forçados a fazer atalhos para compendiar jornadas. Ninguem conhece melhor do que nós o que ha na nossa provincia e o que lhe falta, e o modo e o geito como convem que se faça. ¿Que mais mappas, que mais estudos graphicos são necessarios, que as estradas que estão feitas e indicadas pelas necessidades dos povos? Quero que se necessite de alguma pequena alteração n'uma ou outra estrada. Cá se fará pelos ingenheiros que o governo mandar; ou melhor ainda pelos que escolher dos que já cá estão.

¿Para que é com a pobreza actual fazer-se esse extraordinario gasto pelas obras publicas? Um ou dois ingenheiros, que o governo nomêe ou escolha, torno a dizer, dos que já cá estão, que se intendam com a commissão central, para deliberarem com ella sobre o mais urgente e sobre alguma alteração acertada para maior solidez ou melhor arranjo da via publica. Assim dois annos ou mais, que se haviam de consumir nos taes estudos graphicos, empregar-se-hão logo em fazer obra que se veja.

Pedimos as estradas, carecemos d'ellas, estamos promptos para as pagar; e queremos os braços algarvios empregados em trabalhos de utilidade propria.

Nomêe o governo uma juncta central na cabeça do districto, composta de um ou dois individuos de cada uma das comarcas; e esta juncta nomêe commissões filiaes nas cabeças das dictas subordinadas a ella; presidi-

das por um dos seus, que vá á central, e esta immediatamente ao governo para lhe dar conta de tudo o que fizer, para conjunctamente com os ingenheiros determinarem o que fôr mais util e seguro. A commissão central nomêe os empregados para os trabalhos por proposta das filiaes sob sua responsabilidade.

No Algarve temos pessoas muito capazes, honradas e zelosas do bem da provincia, muito intelligentes e desinteressadas. Saibam-n'as nomear livres de paixões e tudo irá bem.

Quanto ás companhias para emprezas são escusadas para aqui. ¡Pois nós havemos de pagar o nosso cruzado annual e além d'isso pagarmos barreiras e darmos esse ganho aos emprezarios! Os nossos quatro centos réis annuaes, bem administrados, dão para as nossas estradas, pontes e o mais que fôr preciso para nosso cómmodo nos transitos da provincia. Se se aproveitar o que tenho dicto podemos passar muito bem sem emprezarios.

Os montanheiros cá do Algarve são a gente mais pobre e miseravel que ha no mundo. Trazem aos mercados o seu carvão e a sua lenha, ou qualquer outra coisa para comprarem o seu preciso, vem sem real e sem real tornam e ¿ hão-de estes pagar barreiras? ¡ com que dinheiro! Bem lhes bastam as horrorosas contribuições de seus respectivos municipios, que todas se absorvem em coisas que se não vêem.

Faro 8 de septembro de 1843.

*José Joaquim Ramalho.*

---

**ADMIRAVEL E PRECIOSISSIMO NOVO METHODO DE ILLUMINAÇÃO.**

2097 Depois de tantas tentativas como n'estes ultimos annos se teem feito, com mais ou menos êxito, para augmentar a claridade artificial diminuindo o custo d'ella, apparece agora um invento, que, se responder aos pregões que d'elle se levantam, satisfará aos mais cubiçosos.

O auctor é o Doctor Pelletan. A descripção e desenhos da máchina por elle inventada podem se ir ver na *Polytechnic Review* ou no *Courrier de L'Europe* de 12 do passado.

Com esta declaração nos damos por desobrigados de transcrever para a nossa folha as gravuras e os pormenores do artigo, que as acompanha. Os especuladores, que desejarem explorar a nova mina, já teem o caminho aberto.

Em summa só diremos, que o invento do Doctor Pelletan, a que já foi concedido privilegio, proporciona a luz ou luzes com a intensidade ou profusão, que se deseja, mais baratas que a do azeite e a do gaz até agora usado, sem grandes trabalhos para as preparar, sem nenhum perigo de explosões, sem nenhum prejuizo para a saude, sem nenhum incommodo para o olfacto, sem nenhum estrago nos doirados ou côres melindrosas que houver na caza. O apparelho para esta feiticeria scientifica póde ser fixo em qualquer parte da habitação, e ir ramificar a claridade por todos os quartos d'ella, ou, se mais quizerem, portatil. Póde-se applicar ás salas, ás fabricas, aos theatros, ás ruas e praças, aos navios, aos pharóes, a tudo, e finalmente recebe por alimento o que na terra, onde o tiverem, e for mais abundante e barato: no norte da Europa e na America materias resinosas, que por vil preço se mercam: em Italia a náphta, que até ao presente para nada tinha servido, e nada valia: nas terras de vinhas, como esta nossa, a aguardente: na propria Inglaterra finalmente, onde a illuminação de gaz tem subido ao maior apuro, combinações acertadas de diversos liquidos estão promettendo talvez que por este meio se conseguirá uma economia de 70 por cento.

Um apparelho para vinte luzes tem apenas seis pés de altura, quatro de largura e tres de comprimento, e gasta n'um serão inteiro de lenha ou outro qualquer combustivel obra de trinta réis quando muito; e de náphta ou espirito de therebinthina, que produzem o gaz luminoso, coisa de quatrocentos réis, em Londres, já se sabe, onde tudo custa mais.

A theoria, para a apontarmos em duas palavras, é simplicissima. — Uma fornalha; em cima d'ella uma caldeira com o liquido ou liquidos, que se hão-de evaporar. Esta caldeira é o coração da máchina, e o sangue, que d'ella sáe, e para ella torna a entrar depois da circulação, é o fluido luminoso; para o que ha um systema dúplice de canaes, que sobem da caldeira para as grizêtas, e que redescendem com o fluido depois de condensado para a caldeira; artérias e veias. Tudo isto o abrir e fechar válvulas a tempo, o conservar o lume acceso, ou apagal-o apenas deixa de ser necessario, lá o faz a máchina por si mesma sem hesitação, nem equivocação, nem reboliço, nem contingencia alguma de desastre. É um dos mais bellos inventos da mechánica, um autómato não para pasto vão da curiosiosidade, mas para servir muito realmente ao homem.

---

# VARIEDADES.

## COMMEMORACÕES.

### O PRIMEIRO AUTO-DE-FÉ EM PORTUGAL.

20 DE SEPTEMBRO DE 1540.

2098 A inquisição ainda não está julgada. Por nenhum titulo cabe o nome de *historia*, nem ás invectivas, que fizeram, ou publicaram estrangeiros, que nunca comprehenderam o que era aquelle tribunal; nem tão pouco ás relações apaixonadas dos que padeceram seus rigores. — Os erros politicos d'elrei D. Manoel produziram a praga dos christãos novos. Elrei D. João III., e seus conselheiros, tentaram atalhar o mal pela raiz; mas aconteceu-lhes como aos charlatães curandeiros, que promettendo remedio, que cure, applicam mezinha, que aggrava. A mezinha tida em conta de remedio foi o Sancto Officio da Inquisição. O fanatismo religioso dos seculos XVI e XVII accendeu as fogueiras, assim como o fanatismo politico dos seculos XVIII e XIX ideou a guilhotina, e tem aguçado milhares de punhaes. — Não nos venham pois canonisar a guilhotina pelas fogueiras, nem as fogueiras pela guilhotina. Regeitamos *in limine* uma logica tão viciosa. Deixem-nos usar livremente do intendimento, que é a coisa mais nossa, que nós temos: não tentem o impossivel de apanhar dentro de limites dados o que de si é incoercivel. Condemne-se o fanatismo debaixo de todas as suas fórmas e disfarces; e os que se sentirem alumiados pelo resplendor da verdadeira tolerancia, esses sim, venham, e julguem a guilhotina e as fogueiras. E pelo que a estas respei-

ta, mal se poderá formar juizo seguro e imparcial, emquanto se não fôr a essa Torre do Tombo a revolver os processos da inquisição; emquanto se não entrar por essas bibliothecas a examinar muitos outros curiosos documentos, que lá jazem.

Andando nós em uma diligencia d'estas, achámos lembrança do primeiro Auto-de-fé, que n'estes reinos de Portugal se celebrou. Foi na cidade de Lisboa, em domingo 20 de septembro de 1540. Era inquisidor geral o infante D. Henrique, arcebispo d'Evora, que depois foi cardeal, e rei. Fez-se o cadafalso juncto dos Paços da Ribeira, ou juncto á Caza dos Contos. Os lidos na topographia de Lisboa a velha, que decidam se por entre aquella variante ha identidade de logar. Presidiu no auto D. João de Mello, bispo do Algarve, que veio a ser arcebispo d'Evora. Assistiu elrei com todos os prelados ecclesiasticos, e fidalguia. Prégou o Padre Fr. Francisco de Villa Franca, eremita de Sancto Agostinho, e n'aquelle tempo reformador da sua religião n'este reino. Saíram penitenciadas 23 pessoas: e como as memorias, que vimos, não declaram as penas, a que foram condemnadas, não poderemos affirmar se logo por boa estrêa foram algumas relaxadas em carne (como diziam), e n'ellas executada a pena de fogo.

*J. H. da Cunha Rivara.*

---

## ACHADA DOS MANUSCRIPTOS DE ELREI D. DUARTE.

*(Carta).*

2099 *Sr. Redactor.*—Penso que poucas pessoas sabem, que o nosso distincto compatriota o abbade José Corrêa da Serra fôra o primeiro, que em Paris descobriu os manuscriptos d'elrei D. Duarte.—A cópia inclusa d'uma carta do ministro d'estado Araujo, escripta áquelle abbade em 1804, próva bem, que lhe cabe esta gloria, embora alguem posteriormente a reivindique tambem para si.—O original d'este documento existe na mão do meu apreciavel amigo o Illustrisrimo Sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes; o qual, assim como eu, muito desejaria, que V. se servisse publical-a na *Revista*, se intendesse, como nós intendemos, ser um acto de justiça, e de gratidão á memoria de um litterato, que nos dá honra.

Sou de V. etc.

23 de agosto de 1843.

*Antonio d'Oliveira Amaral Machado.*

---

*Carta do ministro d'estado Antonio de Araujo ao abbade José Corrêa da Serra.*

*Sr. Corrêa.*—Amigo e Sr. do coração.—Tive muito gosto em receber a sua carta de 7 do corrente; viva feliz como eu lhe desejo, e eu o serei, se podér contribuir para a sua felicidade. Continuo a ser Larraga ou mestre de casos; porém muito á satisfação de quem tudo manda, e do publico. Isto assim é quasi zéro, mas com o tempo espero fazer alguma coisa de que eu mesmo me satisfaça; o Céu o permitta; entretanto já muitos grandes teem visto que se me póde applicar—*o antes quebrar que torcer*—e estimo que por tal me conheçam. Agradeço-lhe muito a representação que fez ao amigo para quem lhe deixei o escripto; veremos se aqui se faz o milagre, quando não, será preciso ser tangido por lá; o homem é infame em todo o sentido, assim como o é tambem o da Circe, que ahi se acha, e que não cessa de mostrar a sua inveja, e máu caracter. Mil parabens pela descoberta importante dos manuscriptos. Não tive occasião de fallar ainda sobre isto a S. A. R.; mas esteja certo que elle ha-de querer fazel-os imprimir, e portanto mande logo copiar as obras d'elrei D. Duarte, e tudo o que julgar digno da impressão, accrescentando os seus enfeites. Torno a dizer que o Principe ha-de estimar isto muito, e para mim é grande gosto que esta descoberta seja feita por um amigo a quem amo; a sua carta chegou-me ha poucos dias, e por isso não fallei ainda. Quando tiver tempo (pois até agora não tive um momento livre) lhe farei algumas encommendas de livros. Creia que sou com o maior afecto, fiel e obrigadissimo amigo—Antonio de Araujo.—Lisboa 28 de julho de 1804.

## VIAGENS NA MINHA TERRA.

*(Continuado de pag. 19 do III. tomo).*

III.

2100 Vou *desapontar* de certo o leitor benevolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capitulos d'esta interessante viagem.

¡Pois que esperava elle de mim agora, de mim que ousei declarar-me escriptor n'estas eras de romantismo, seculo das fortes sensações, das descripções a traços largos, profundos, e *incisivos* que se entalham n'alma e entram com sangue no coração!

No fim do capitulo precedente parámos á porta de uma estalagem: ¿que estalagem deve ser esta, hoje, no anno de 1843, ás barbas de Victor Hugo, com o Doctor Fausto a trotar na cabeça da gente, com os *mysterios* de París nas mãos de todo o mundo?

¡Ha paladar que supporte hoje a classica *posada* do Cervantes com o seu *mesonero* gordo e grave, as pulhas dos seus arrieiros, e o mantear de algum pobre lorpa de algum Sancho! ¡Sancho, o invisivel rei do seculo, aquelle *por quem hoje os reis reinam e os fazedores de leis decretam e afferem o justo!* ¡Sancho manteado por vís muleteiros! Não é da epocha.

> Eu coroarei de trevo a minha espada,
> De cenoiras, luzerna, e betarrava
> Para cantar Harmodios, e Aristogitons,
> Que do tyranno jugo vos livraram
> Da sciencia velha, inutil carunchosa,
> Que elevava da terra, erguia, alçava
> O que no homem ha de Ser divino,
> E para os grandes feitos e virtudes
> Lhe despegava o espirito da carne:

Não: plantae batatas, ó geração de vapôr e de pó de pedra, macadamisae estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, massuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão differente do que a hoje vivemos. Andae, ganha-pães, andae; reduzi tudo a cifras, todas as considerações d'este mundo a equações de interesse corporal, comprae, vendei, agiotae.—¿No fim de tudo isto o que lucrou a especie humana? Que ha mais umas poucas de duzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas-politicos, aos moralistas, ¿se já calcularam o numero de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho

desproporcionado, á desmoralisação, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta, para produzir um rico? — Que lh'o digam no Parlamento inglez, onde, depois de tantas commissões de inquérito, já deve de andar orçado o numero de almas que é preciso vender ao Diabo, o numero de corpos que se teem de entregar antes do tempo ao cemiterio para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Robert Peel, um mineiro, um banqueiro, um grangeeiro — seja o que fôr: — cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseraveis.

Logo a nação mais feliz não é a mais rica. Logo o principio utilitario é a *mamona* da injustiça e da reprovação, logo. . . . . .

There is something between earth and heaven
That is not dreamt of by your philosophy.

A sciencia d'este seculo é uma grandississima tola. E como tal, presumpçosa e cheia do orgulho dos nescios.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Vamos á descripção da estalagem. Não póde ser classica: assoviavam-me esses rapazes todos de pera, bigode, e charuto, que fazem litteratura cava e funda desde as portas do Marrare até ao café chinez de Moscow. . . . . .

Mas aqui é que me apparece uma incoherencia inexplicavel. A sociedade é materialista, e a litteratura, que é a expressão da sociedade, é toda, e excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista! Sancho rei de facto, Quixote rei de direito!

Pois é assim: e explica-se. — É a litteratura que é uma hypocrita. Tem religião nos versos, charidade nos romances, fé nos artigos de jornal — como os que dão esmolas para pôr no *Diario*, que amparam orphãs na *Gazeta*, e sustentam viuvas nos cartazes dos theatros.

¡E fallam no Evangelho! Deve ser por escarneo. Se o leem hão-de ver lá que nem a esquerda deve saber o que faz a direita. . . . . . . .

Vamos á descripção da estalagem; e acabemos com tanta digressão.

Não póde ser classica está visto, a tal descripção. — Seja romantica. — Tambem não póde ser. ¿Porque não? É pôr-lhe lá um *Chourineur* a amolar um facão de palmo e meio para espatifar rez e homem, quanto encontrar, — uma *Fleur-de-Marie* para dizer e fazer pieguices com uma rozeirinha pequenina, bonitinha, que morreu, coitadinha! — e um principe alemão encoberto, forte no socco britannico, immenso em libras sterlinas, profundo em gyria de cegos e ladrões. . . . . . e ahi fica a Azambuja com uma estalagem que não tem que invejar á mais pintada e da moda n'este seculo elegante, delicado, verdadeiro, natural!

É como eu devia fazer a descripção: bem o sei. Mas ha um impedimento fatal, invencivel — egual ao d'aquella famosa salva que se não deu; — é que nada d'isso lá havia.

— E eu não quero calumniar a boa gente da Azambuja. Que me não leam os taes, porque eu quero viver e morrer na fé de Boileau;

Rien n'est beau que le vrai.

Já se diz ha muito anno que honra e proveito não cabem n'um sacco; eu digo que belleza e mentira tambem lá não cabem: e é a mais portugueza traducção que creio que se possa fazer d'aquelle immortal e evangelico hemystichio. A maior parte das bellezas da litteratura actual fazem-me lembrar aquellas formozuras, que tentavam os sanctos eremitas na Thebaida. O pobre de Sancto Antão ou de S. Pacomio (Pacomio é melhor aqui) ficavam embasbacados ao principio; mas dava-lhe o coração uma pancada, olhavam-lhe para os pés. . . . . — Cruzes, maldicto! Os pés não podia elle encobrir. E ao primeiro *abrenuntio* do sancto, dissipava-se a belleza em muito fumo de enxofre, e ficava o diabo negro feio e cabrum como quem é, e sempre foi o pae da mentira.

Nada, nada, verdade e mais verdade. Na estalagem da Azambuja o que havia era uma pobre velha a quem eu chamei bruxa ¿porque emfim que havia de eu chamar á velha suja e maltrapilha que estava á porta d'aquella asquerosa caza?

Havia lá esta velha, com a sua moça mais moça; mas não menos nojenta de ver que ella, e um velho meio paralytico meio demente que alli estava para um canto com todo o geito e traça de quem vem folgar agora na taberna, porque já bebeu o que havia de beber n'ella.

Matava-nos a sêde; mas a agua alli é beber quartãs. O vinho era atroz. ¿Limonada? Não ha limões nem assucar. — Mandou-se um proprio á tenda no fim da villa. Vieram tres limões que me pareciam d'uns que pendiam quando eu vinha a férias no famoso botequim de Leiria.

O assucar podia servir na ultima scena de Mr. de Pourceaugnac muito melhor que n'uma limonada. Mas misturou-se tudo com a agua das sezões, bebemos, pozemo-nos em marcha, e atégora não nos fez mal com ser a mais abominavel, antipathica, e suja beveragem que se póde imaginar.

Caminhámos na mesma ordem até chegar ao famoso pinhal da Azambuja.

*A. G.*

# NOTICIAS.

## ESTRANGEIRAS.

2101 Com unica excepção do estado ainda febricitante da Hispanha, a Europa disfructa, ou parece disfructar profunda paz. Todavia n'aquella terra malfadada dos homens — que não de Deus — no coração da Hispanha, symptomas appareceram de um novo accesso ou convulsão. Os facultativos, que lhe assistem, houveram, conforme á pratica de seu antecessor, que molestia de tanta gravidade pelo orgam vital, que ameaçava, e pelo perigo de pegar-se, só poderia radicalmente cural-a o uso do cauterio, ou da lancêta. Padeceram pois em Madrid oito infelizes victimas da propria credulidade, e cegueira, ou instrumentos da ambição alheia. A experiencia porém de todos os tempos, e maxime d'estes ultimos cincoenta annos, tem demonstrado á evidencia, que nas doenças politicas essencialmente nervosas o caustico, e a sangria provam mal.

## PORTUGAL.

2102 O estado sanitario politico do Reino poderia talvez dizer-se excellente a não se lhe verem graves symptomas de debilidade de estomago, procedida ou da falta do necessario alimento, ou da sua má digestão.

## ACTOS OFFICIAES.

2103 *Diario do Governo de 7 de septembro.* — Portaria elogiando os governadores civís de Castello-Branco, Evora, Faro, Ponta-Delgada e Villa Real pela diminuição que nos seus districtos tem tido a statistica criminal. Mappa de statistica criminal no primeiro semestre d'este anno.

*Idem de 8.* — Portaria approvando os estatutos da sociedade economica commercial portuense. Outra concedendo a João Eccles Martin e Bernardino Joaquim de Azevedo o privilegio exclusivo por quinze annos para a máchina — *Escorregadio de Martin e Azevedo*, — por meio da qual se póde tirar qualquer navio para terra firme, concertal-o exteriormente, e leval-o depois á agua com a maior segurança. Venda de bens nacionaes.

*Idem de 9.* — Ordem da armada n.º 107.

*Idem de 11.* — Ordem do exercito n.º 33.

*Idem de 12.* —Venda de bens nacionaes.

*Idem de 13.* — Aviso: o beijamão do dia 16 do corrente anniversario de S. A. R. ha-de ser no palacio de Belém. Portaria dando providencias sobre pagamentos. Relação de quatorze réus sentenciados para Cabo-Verde. Outra do Thesoiro approvando as contas da Companhia Confiança. Venda de bens nacionaes. Aviso da juncta do Credito Publico sobre pagamento de juros de diversas inscripções.

## A INFANTE D. SANCHA.

2104 A 11 do corrente achava-se a egreja de Sancto Antonio da Sé ricamente armada de preto, e com um sumptuoso mausoléu coroado. Celebrava-se n'ella um officio fúnebre, com excellente musica vocal e instrumental. Eram os suffragios, que annualmente faz a camara de Lisboa pelo descanço da alma da Senhora Infante D. Sancha, de quem o municipio herdou as terras do Alqueidão, que ainda ao presente possue e administra. Esta pontualidade no cumprimento dos contractos com os mortos merece apontada e louvada como coisa rara n'estes annos, que vão correndo. Acceite pois a camara municipal de Lisboa os nossos sinceros agradecimentos pelo bom exemplo, que n'isto dá a todas as do reino: — são agradecimentos desinteressados, livres, ingenuos, e de tão boa vontade escriptos, quanto já nos fôra doloroso em o nosso artigo 1807, o accusal-a e convencel-a de desprimorosa em outro objecto similhante,

O espirito de philosophia christã, de philosophia philosophica tem feito (não ha negal-o), e vae fazendo progressos de que, para o diante, não pouco hão-de vir a ajudar-se a moral e a civilisação.

Mas já que viemos a agradecer á camara de 1843 os seus testimunhos de respeito para com os finados na pessoa, ou antes na memoria de uma piedosa princeza de outras eras, lembremos-lhe — que no extincto convento de S. Francisco jazem em indecente desamparo e desprêzo, mettidos n'uma pequena arquêta os despojos, mortaes da mesma senhora, a quem annualmente festejam com tamanha pompa. A continua revolução, em que teem andado n'aquelle edificio as pedras, a terra e os ossos, bem poderá continuar e sumir tambem estes com perpetua vergonha da nossa edade. Accuda-lhes a camara emquanto póde, e trasláde-os com mais edificante veneração, do que arruido e apparato dispendioso, para o seu historico e devotissimo templo de Sancto Antonio. — Dar-nos-ha materia para novos e mais altos agradecimentos.

## EMIGRAÇÃO DE ANTIGUALHAS PORTUGUEZAS.

2105 Escreve-nos o Sr. M. de S. que passando pela Batalha, o actual representante da Prussia n'esta côrte, fidalgo mui versado e intelligente em materias artisticas, comprára por 72$000 réis, com a condição de lh'o pôrem em Lisboa, o rico portal de cantaria de janella de uma caza antiga visinha do lado esquerdo do mosteiro monumental.

Dóe-se o nosso correspondente de que havendo por alli passado tantas pessoas portuguezas, ricas, poderosas e intendedoras, a nenhuma occorresse aproveitar aquella formosa peça de architectura, para a não vermos ir agora, e por tal preço, para terras estrangeiras.

## BIBLIOTHECA DE BRAGA.

2106 É geralmente sabido que este estabelecimento nacional, para cuja *immediata* organisação fôra auctorisada a municipilada de Braga pela carta de lei de 13 de julho de 1841, e que progrediu consideravelmente sob a direcção da camara d'esse bienio, chegando a fazer-se no edificio, que lhe foi destinado, uma boa parte das obras necessarias para a accommodação de 25 a 30 mil volumes que alli se acham accummulados, colligidos de vinte cazas religiosas, pelos esforços da mesma camara, ficou totalmente paralysado com gravissimo detrimento de tantas preciosidades litterarias, e da instrucção publica, desde que entrou em exercicio a camara actual, não obstante ter-lhe sido legada pela antecedente a quantia de 1:182$000 réis, expressa e privativamente destinada á continuação d'aquellas obras. Não é menos notorio, que o verdadeiro e unico motivo d'esta culposa negligencia da camara foi uma desavença mesquinha e desarrasoadissima do presidente da camara com o bibliothecario, por se haver este recusado a admittir um servente, que aquelle protegia, com exclusão do actual, contra toda a justiça e humanidade.

Muito é para lamentar que a sorte d'um estabelecimento publico de tamanha importancia, haja sido escandalosamente sacrificada a mal intendidos caprichos e á vingança d'aquella camara contra um individuo, cuja probidade e merecimento litterario são incontestaveis.

Em nosso poder existem mais que sobejos documentos, que nos habilitam para julgar este negocio, cujos pormenores publicaremos opportunamente.

Queremos todavia esperar que a illustre camara, esfriados os odiosinhos particulares, de que o publico innocente não deve soffrer as consequencias, reconsiderado com sisudeza o que está feito, mas não é irrevogavel, e mais desejosa de grangear honrada fama de boa administradora, do que vanglorias de pueril e mulherilmente pertinaz em pontinhos de falso credito, — dará o nobre exemplo de renunciar a victoria mal ganhada.

O não caír é bello; mas o levantar-se é heroico.

## AGRADECIMENTO PUBLICO.

2107 *Sr. Redactor.* — Se, no ultimo quartel da nossa vida, alguma coisa podesse adoçar a nossa situação, seria essa sem duvida o acto nobre em que os dignos membros da commissão instaurada para auxiliar-nos, foram coadjuvados por tão avultado numero de bons portuguezes.

Não podendo nominalmente testimunhar a todos e cada um dos nossos bemfeitores os sinceros sentimen-

tos da mais viva gratidão de que nos achamos animadas, digne-se V. exprimil-os, e receber por este obsequio os nossos agradecimentos.

A manifestação de que acabamos de ser objecto, centuplica aos nossos olhos o seu valor, por ser mais que outra alguma coisa um tributo de consideração por um homem, que ligado á patria por vinculos de gloria, era além d'isso ligado comnosco pelos mais estreitos vinculos de sangue.

Somos com o mais profundo respeito

De V.

*D. Maria Benedicta Machado de Castro e Sousa.*
*D. Marianna Perpetua Machado de Castro e Sousa.*

**BOLETIM DOS THEATROS.**

2108 Consta-nos que pelos primeiros dias de outubro saírá annexo á 5.ª serie da *Revista do Conservatorio*, o BOLETIM DOS THEATROS, *revista mensal dos spectaculos nacionaes e estrangeiros*, e continuará a saír todos os mezes em folha avulsa, annexa á sobredita *Revista do Conservatorio;* redigido pelo Sr. José Maria da Silva Leal.

**MENINA PERDIDA.**

2109 Diz aos *Pobres no Porto* o seu correspondente de Lisboa, — que no bairro da Graça se perdèra uma menina de 12 annos, a qual se julga ter sido desinquietada.

Ás auctoridades policiaes pertence indagar, se é verdade, e sendo-o, fazer processar inexhoravelmente os raptores. O crime de abuso da fraqueza e innocencia feminil foi sempre frequente nas grandes capitaes, mas entre nós, vae-se hoje amiudando mais que nunca, e faz estremecer aos que teem intendimento para abranger todas as consequencias pessoaes domesticas e publicas d'estas seducções prematuras, d'estes ignóbeis tráficos das honras, d'estas prostituições calculadas, inevitaveis e irremediaveis.

**MAIS VICTIMAS DA INCONTINENCIA.**

2110 Lemos na *Coallisão* — que, em Vallongo, devendo pernoitar fóra de sua casa uma padeira por nome Maria Seixeira, seu marido rogára a certa moça de edade de 14 annos para lhe ir ficar com uma filha pequena. A crédula caiu no laço. O somno e o desamparo da noite a traíram, e a sua honra foi brutalmente sacrificada.

¡ Egual attentado perpetrára já o mesmo perverso, ha quatro annos, contra uma menina, que apenas então contava nove!

Somos curiosos de saber que pena seguirá a tal delicto.

**UM HOMEM FEITO PREMIO GRANDE DE LOTERIA.**

2111 Conta *Braz Tizana* em carta aos *Pobres no Porto*, — que duas senhoras, moradoras na rua dos Remedios em Lisboa, tinham ambas inclinação a certo individuo que frequentava a casa, e concordaram em lançar sortes para ver qual havia de possuir o pertendente, obrigando-se a desfavorecida pela fortuna a nunca mais olhar para elle. — Assim se fez, e consta que a concordata se tem cumprido á risca.

**O CAÇADOR NO LAÇO.**

2112 Aquelle façanhoso Dr. Kalley, acirrado apostolo do protestantismo na ilha da Madeira, de quem já algumas vezes temos dado noticia, parece que se arrependêra de haver-se constrangidamente commedido.

Affirmam-nos, que depois de ter por algum tempo affectado não querer já seduzir catholicos para a sua seita, recomeçou novamente a recrutar para ella com tanto affinco e imprudencia, que as auctoridades não tiveram remedio senão prendel-o.

Desagradavel coisa é o recorrer-se ao rigor contra aquelles, que por estrangeiros naturalmente se recommendam para a hospitalidade. Mas a serem as coisas metade só do que diz a fama, foi o Sr. Kalley quem tornou o rigor indispensavel. As auctoridades da Madeira e o governo não podem ser em todo este negocio increpadas de nimia severidade. Esgotaram a prudencia, a longanimidade, talvez até as medidas do justo e decoroso soffrimento. Agora é necessario não desandar do feito, e dar exemplo que fique lembrando aos bufurinheiros de novidades religiosas.

**O DIABO NO CORPO.**

2113 Nas supersticiosas crenças populares — pondéra o nosso correspondente de Torres Novas o Sr. A. X. Rodrigues Cordeiro — algumas ha poeticas e festivas como a terra e clima que habitamos, e que por não damnarem a coisa alguma bem pódem ser perdoadas e até favorecidas da philosophia; outras porém que são de indole sombria, e maléficas influencias merecem bem ser exterminadas. As primeiras são poesia e flores; as segundas superstições, abrolhos e venenos. Discriminadas bem estas das outras o modo efficaz de as acabar, não é monteando-as e perseguindo-as a ferro e fogo, mas indo metter a luz pelas brenhas e covís bravos da ignorancia e rusticidade, onde se ellas acoitam e medram: a violencia fortifica-as; só a claridade as mata. Este allumiar pertence a todos, não só aos cabeças espirituaes; e corre como obrigação precípua, rigorosa e apertadissima por conta dos jornalistas, que devem ser uma especie de decuriões na ampla eschola de ensino mutuo, chamada povo. O caso, que o Sr. Cordeiro nos relata, argue uma d'estas superstições damnosas, que importa extirpar por via da illustração, e por isso de boa mente o repetimos.

A 1 do corrente pela volta das onze horas estava a praça de Torres Novas cheia de gente aldeã e camponesa, que tinha, pela maior parte, saído havia pouco da missa da Misericordia, quando de repente um d'aquelles homens foi atacado de uma epilepsia.

¿ Emquanto o desgraçado se rolava, pasmava e se estorcia, que fazia aquella multidão? ¿ accudia-lhe? ¿ tirava-o, ao menos, da ardencia do sol para alguns recôbros de sombras? — Cercava-o de longe, agitava-se, e fugia a qualquer movimento que lhe via fazer. A opinião, que mais abundava por aquelles cérebros ronceiros e em parte avinhados, era de que o miseravel estava possesso do diabo. Outros tinham para si que era alma do outro mundo obrigada a restituições, que se lhe encaixára no corpo, e emquanto se ellas não fizessem tinha de andar penando, e por isso se não affoitavam a íl-a requerer da parte de Deus para que fallasse, com medo de que fosse desmesurado o calóte, e a sua responsabilidade viesse caír ás costas do inquiridor. Quasi todos clamavam á uma que

pelo sim pelo não, se mandasse chamar o parocho para o exorcismar. N'estes alvares comicios se estavam debatendo, quando tornado em si o doente se poz em pé, todo desfigurado.

«¡Que de seculos não teem decorrido desde os romanos até nós, — observa o mesmo correspondente — e ainda se renova uma scena d'estas, de que a propria Roma pagã já se poderia envergonhar! Quando tal entre os romanos acontecia, em acto de comicios no campo marcio, interrompiam-se estes para logo, e se espaçavam para outro dia, porque d'essa quéda subita sacava o povo fanatico ruins agoiros: d'onde veio e se conserva á epilepsia o nome de enfermidade dos comicios, *morbus comitialis*. Que então se favorecessem muito de industria estas e outras similhantes abusões, bem podia a politica do estado requerel-o; a da nossa edade porém deve antes querer-se com as verdades.

**FURTO SAGAZ.**

2114 Quarta feira da semana passada, entravam a rua do Oiro, pela parte do Terreiro do Paço, dois saloios, ao que parecia, mulher e marido, e um mocinho que á mão lhes trazia uma egua com alforges, e um jumento, e em companhia d'elles um soldado do regimento. . . . . Pararam á porta da rica loja do Sr. Nascimento, e despedidos do soldado, entraram. Este porém, emvez de partir, ficou-se por alli a pairar, e tanto que os viu enlevados na escolha de um bom cordão d'oiro, chegou-se para o pé da egua a fallar com o rapaz que a estava segurando, e quando pôde deu um golpe nos alforges, e tirou o saquinho do dinheiro que os pobres saloios traziam para comprar o seu cordão. Foi isto percebido por alguns visinhos, do que dando fé o soldado, deitou a correr para as bandas de S. Francisco da Cidade, e não se capturou.

Disseram depois os roubados, que no sacco vinham dezoito moedas, e que seis não eram d'elles, mas para uma encommenda que na terra lhe tinham feito, tambem de oiro.

Os tristes voltaram para caza na desconsolação que é bem de suppôr, vendo que tinham andado a junctar para o diabo lh'o levar. T.

---

**NECROLOGIA LITTERARIA.**

2115 Nasceu o Sr. ANTONIO MARIA DO COUTO em 1778, onde e de que paes não nol-o diz o seu panegyrista o Sr. Francisco Duarte d'Almeida e Araujo, de quem tomamos os factos para esta breve noticia.

Cultor das humanidades desde a puericia, defendeu com applauso conclusões de philosophia racional e moral nas escholas de S. Vicente-de-Fóra tendo de edade 16 annos. Aos 23 foi nomeado professor substituto de lingua grega para os geraes da Ajuda; e a 5 de agosto de 1811 transferido com o mesmo exercicio para o bairro do Rocio; occupando a cadeira de propriedade aos 16 de Outubro do mesmo anno. Em 1840 despacharam-n'o reitor do Liceu de Lisboa. Foi membro da Academia litteraria Fabiana, da Sociedade Promotora de Minerva e da dos *Pacificos*, ao presente denominada Academia Lisbonense das Sciencias e das Lettras.

Falleceu a 14 de Agosto d'este anno pelas 6 horas da manhã deixando mulher, filhos e muitos amigos. O seu character moral era sisudo honrado e christão. Os seus principios em politica liberaes, tolerante e invariaveis.

Para o julgarmos litterariamente convem estremarmos n'elle o mestre e o escriptor. Constante no estudo da litteratura velha desde a meninice e dotado de memoria prompta e fiel, era na conversação instructivo e muito agradavel, e na cadeira, que regia, o mais insigne mestre do seu tempo n'esta cidade. Como escriptor porém já não são, quanto a nós, tão subidos os quilates do seu merecimento. De septenta entre obras e opúsculos, que deixou, não nos atreveriamos a apontar um só titulo como passaporte seguro para a posteridade. É porque o saber só per si não basta. Se um ingenho creador, se uma certa graça original não influem a quem escreve, as paginas mais trabalhadas debalde se fiarão no seu muito pêso: esse mesmo ha-de ser sempre o que mais depressa as leve ao fundo. O fogo poetico, pedimos perdão ao seu panegyrista, não o descobrimos em parte alguma de suas obras. Se é nossa a falta, que nol-a não imputem á vontade, que tambem fomos seus discipulos, tambem presâmos tudo o que n'elle havia de bello, e nunca de sua parte houvemos aggravo: se porém o laurél, que lhe pertende cingir o Sr. Almeida e Araujo, realmente lhe não assenta, como cuidamos; que não lancem isso ao orador á conta do mau juizo ou de amplificação rhetorica d'aquellas de que se usa para realçar pequenezas. Êrro foi, mas nobre e louvavel, que nasceu todo do enthusiasmo da amizade e do respeito.

Foi o Sr. COUTO dado á terra no dia seguinte ao da sua morte com 65 annos de edade. A Academia das Sciencias e das Lettras de Lisboa no domingo 27 do passado depois de haver assistido a um officio funebre, por ella mesma encommendado para o repouso da alma d'aquelle seu finado irmão, celebrou em memoria sua uma sessão solemne com assistencia de grande numero de convidados; na qual se leu o panegyrico agora impresso a que nos referimos. Louvavel foi o exemplo dado por esta Sociedade: enlaçando assim á vista de todos as duas mais nobres profissões de fé, a da immortalidade do espirito e a da gratidão.

---

**STATISTICA CRIMINAL DO CONTINENTE DO REINO E PROVINCIAS INSULARES NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1843.**

2116 Crimes politicos, 4. — Armas defezas, 14. Arrombamentos, 27. — Deserções 112. — Fuga de presos, 27. — Assuadas, 9. — Moeda falsa, 1. — Falsificação, 1. — Assassinios, 147. — Infanticidios, 16, — Suicidios, 28. — Propinações de veneno, 6. — Latrocinios 2. — Roubos, 320. — Furtos, 160. — Rixas, desordens e ferimentos 1:309. — Descaminhos, 10. — Transgressões de policia, falta de passaportes e outros, 516. — Damnos, 23. — Incendios, 23. — Crimes contra a pudicicia, 20. — Perjurios, 4. — Crimes religiosos, 18. — Resistencias ás auctoridades publicas, 139. — Crimes não classificados, 66.

---

**FURIAS DE UM LOBO.**

2117 Em um domingo do passado agosto, um lobo, com todos os visos de damnado, appareceu ao pino do sol em Oliveira de Azeméis, fazendo corre-

rías e devastações, que deixaram aterrados os moradores da terra e os feirantes de fóra, que lá accudiam n'esse dia. Investiu curraes e cazas, esmordaçou gados, creanças e homens; e, sem que pessoa alguma ousasse de lhe anteparar as furias ou perseguil-o, desappareceu.

---

**UM TRANSMONTANO ÁS DIREITAS.**

2118 A duas leguas de distancia da villa de Carrazedo de Monte-negro, perto de S. Pedro da Veiga de Lila, logarejo assentado ao norte do mais elevado píncaro da serra de Sancta Comba, houve em 13 de agosto uma lucta singular e extraordinaria entre um lobo de torva catadura, e um homem de poucas inculcas.

Recolhendo-se da sua labotação o trabalhador Joaquim Noura, e indo caminho da sua aldêa, encontra já a pouca distancia d'ella um enorme lobo, decidido a disputar-lhe o passo: dois rafeiros que o acompanham mostram boa vontade de accommetter o lobo, mas este uiva feroz e os rafeiros recúam. Espanta-se Joaquim Noura da timidez dos rafeiros, que já mais de uma vez deram provas de valentia; acirra e acirra; não avançam: abaixa-se, leva de duas grandes pedras, assula de novo os cães e corre sobre o lobo — os seus companheiros desampararam-n'o, e ei-lo só face a face com a féra, e desarmado, que as pedras já lhe partiram das mãos, e as espedaçava o lobo com as enormes prezas. Joaquim Noura não desanima: nem a fuga dos cães, nem a ferocidade do animal que já uivava embravecido, nem a solidão, nem o escuro da noite sombria e tenebrosa lhe afrouxam o animo. O transmontano não desmaia: do seu gavão faz escudo que enlaça no braço; o lobo estava parado, Noura fica parado: ambos se medem... o lobo esfaimado pula e se lança sobre o trabalhador, este resguarda a cara com o braço direito, n'elle recebe a primeira mordedura.... torna a féra atraz, avança com maior impeto, crava-lhe as unhas na cara, então Noura agarra-lhe os queixos;.. pouco depois quasi estallam, dá com o bruto em terra... entala-lhe as pernas com os joelhos... Uma hora é já passada, o lobo a esbravejar, Noura prestes a desfallecer cançado de luctar... um pouco mais e era victima.

Por um acaso, por um milagre, passa a mulher de Noura, que afflicta pela tardança do marido se partíra em procura d'elle — conhece-o, brada por auxilio, conforta o marido, e vôa, que não corre — a clamar por quem accuda ao desemparado que vae succumbir.

Chegam ainda a tempo, e ella tambem — *mulher dá cá uma pedra, que caiba na bocca d'este diabo que tenho aqui debaixo de mim!* A mulher lhe traz uma pedra maior que a bocca do animal, Noura larga-lhe os queixos para lhe introduzir a pedra, o animal aproveita a occasião, ferra-lhe os dentes e lhe atravessa a mão. — Noura agarra-lhe de novo os queixos, e grita á mulher — *uma pedra mais pequena.* Mal que a recebe embute-a na bocca da féra, que estava aberta porque a não deixavam cerrar as mãos de Noura.

*Agora deixa-o commigo!...* e esperaremos que venha alguem. — Chega gente de S. Pedro da Veiga, mas não a tempo de ver o lobo com vida que essa lh'a tirára já o serrano valente.

No outro dia entrava em Carrazedo de Monte Negro, Joaquim Noura com a pelle do lobo espetada em um varapau, e se ía á camara buscar o premio que esta tem estipulado aos matadores de lobos.

Joaquim Noura é um homemzinho de trinta annos, magro e baixo.

*Antonio da Cunha Souto Maior.*

**UM HOMEM DUPLICADO.**

2119 Havia vinte annos que um filho do Sr. Pedro Antonio dos Sanctos negociante d'esta cidade, tinha abalado para o Brazil a procurar fortuna. Vinte annos de auzencia de pae e filho devem carregar tamanho pêso de saudades, que o resistir-lhes nos parece fôro de impossiveis.

Em um dos dias do mez passado surge no Téjo um navio do novo mundo. Desembarca um passageiro; corre á caza do Sr. Sanctos; pergunta por elle com alvorôço; não o acha, espera. Ninguem da familia o conhece.

Chegado o Sr. Sanctos, dirige-se á sala e encontra,......... seu proprio filho; que se lhe lança nos braços; o beija, o acaricia, o opprime de perguntas atropeladas, de relações interrompidas, e novamente de abraços: eram as saudades de vinte annos em explosão.

Pondéra um moralista abalisado, auctor de maximas, que até nas maiores desgraças dos nossos maiores amigos ha sempre alguma coisa que nos agrade. — Duvidamos nós, mas poderá ser assim. O que porém temos por certissimo é, que ainda nos mais desenganados lances de ventura, ha sempre o que quer que seja que nos entristece; a mistura do triste com o alegre era n'este caso a grande mudança, que o rodear dos annos tinha feito no rosto e voz dos dois personagens. O pae recebia homem maduro ao que víra partir mancebo; o filho encontrava já velho ao que tinha deixado só maduro. Entretanto os olhos e ouvidos para logo se acostumaram de parte a parte a tamanhas novidades; e como por dentro os affectos não tinham envelhecido, e os negocios domesticos, sobre que versava a conversação, eram mutuamente comprehendidos, a mais perfeita intimidade se restabeleceu de repente entre os que, tendo o mesmo sangue e o mesmo nome, não eram, verdadeiramente e segundo a natureza, dois, mas um só individuo.

Reinava na caza a alegria; vinham visitas e parabens. O pae fazia, (como diriam), *as honras da caza e da cidade* ao recémchegado, divertia-o, presenteava-o, e regalava-o como quem era.

Havia no cazal a legitima da mãe já defuncta: entregou-lh'a para com ella dilatar e continuar o seu commercio. — N'isto íam e iriam por muito tempo, se a zombeteira da fortuna não mandasse ás mãos do velho uma carta fresquinha do Brazil, escripta pelo punho e com a assignatura do filho, que lá se estava e se conservava muito ao seu dispôr, e sem nenhuma tenção por ora de se tornar ao reino. Com este apparecimento de Sósia, desappareceu o Mercurio, e com elle os cinco mil cruzados da materna legitima.

A voz do sangue, de que rezam os dramas e novellas, tinha d'esta vez falhado como uma prophecia de jornal politico.

Ha muitos annos que do Brazil não vinha uma arára, como esta.